



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 12, v. 1 nov.2019-abr.2020

p. 429-454.

# Bota a cara no sol, bicha bonita não se esconde: visibilidade de pessoas de gênero e sexualidade dissidentes na *Folha de S.Paulo*

Iran Ferreira de Melo<sup>1</sup>

Richard Fernandes de Oliveira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Nesta pesquisa, selecionamos como objeto de estudo a imagem jornalística de pessoas cujas performances de gênero e sexualidade não correspondem à lógica cis-hétero-normativa. Os materiais que constituem o *corpus* deste trabalho são textos noticiosos sobre essas pessoas, publicados pela *Folha de S.Paulo*, jornal diário brasileiro de maior circulação e tiragem dos últimos 13 anos. Partindo da análise desses dados, a pesquisa objetivou investigar o discurso produzido por meio de notícias, descrevendo e interpretando recursos contextuais potencialmente capazes de produzir a visibilidade desses atores de corpos e existências dissidentes, a fim de compreender a construção de sentidos criados a partir dessa visibilidade. Para sustentar teoricamente tal investigação, mobilizamos os pressupostos impressos dentro da Análise Crítica do Discurso, seguindo os enfoques feitos pelos linguistas Teun van Dijk e Norman Fairclough. Temos como escopo de investigação o exame de macrocategorias de análise da visibilidade: a quantidade e ocorrência de constituintes da capa do jornal (manchete, chamada, abertura, foto-legenda e frases) e do caderno (título, linha-fina, olho, corpo da notícia, fotos e texto-legenda); a quantidade e a ocorrência dos momentos históricos de publicação dos textos; a ocorrência do caderno em que tais textos foram publicados; e a inclusão, no interior das notícias, de vozes dos atores-alvo de nossa pesquisa. Este artigo, por representar um primeiro momento de tal estudo, registra apenas parte de todo o trabalho, descrevendo eminentemente o processo de leitura bibliográfica, apresentando o amparo epistemológico que norteou os encontros de orientação para a pesquisa, informando o trabalho de coleta de dados para análise e apontando o resultado do número de ocorrências e a visibilidade do grupo analisado de acordo com o caderno do jornal em que as notícias foram mais recorrentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso. Visibilidade. Gênero. Sexualidade. *Folha de S.Paulo*.

**Abstract:** This study analyzed the journalistic image of people whose performance of gender and sexuality do not correspond to cis-hetero-normative logic. The material used as corpus of this paper was news articles about this demographic, published by *Folha de S.Paulo*, the Brazilian daily newspaper with the most circulation of the last 13 years. This study sought to investigate the discourse produced by such news, describing and interpreting contextual resources able to cause visibility for these actors of non-hegemonic bodies and existences, in order to understand the construction of meanings created from this visibility. We use Critical Discourse Analysis as theoretical grounds, following the approaches made by linguists Teun van Dijk (1996) and Norman Fairclough (2003). Our scope of investigation was the analysis of visibility analysis macro-categories: the quantity and presence of constituents in the

<sup>1</sup> Professor de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Linguística e licenciado em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: iranmelo@hotmail.com

<sup>2</sup> Licenciado em Letras, Língua Portuguesa, pela UFPE. Bolsista de iniciação científica, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Núcleo de Pesquisa em Estudos Queer, sob orientação do prof. Dr. Iran Ferreira de Melo, vinculado à UFRPE. E-mail: rfo.richard@gmail.com

Recebido em 26/06/19

Aceito em 11/11/19

journal cover (headline, call, opening, photo-caption and phrases) and the notebook (title, body, photos and text-caption); the quantity and presence of historical moments of publication of the texts; which section contained such texts; as well as the inclusion of voices by the target actors in the news. This article represents only a first moment of studies on this field, notably describing the process of bibliographical reading, presenting the epistemological basis that served as guidelines for the research meetings, describing the data collection process and pointing out the results concerning the number of occurrences and the visibility of the group analyzed according to the section in which the news was most recurrent.

**Keywords:** Discourse. Visibility. Gender. Sexuality. *Folha de S.Paulo*.

**Resumen:** En esta investigación, seleccionamos como objeto de estudio la imagen periodística de personas cuyas performances de género y sexualidad no corresponden a la lógica cis-heteronormativa. Los materiales que constituyen el corpus son textos noticiosos sobre esas personas, publicados por *Folha de S.Paulo*, periódico diario brasileño de mayor circulación y tirada de los últimos 13 años. A partir del análisis de estos datos, se buscó investigar el discurso producido por medio de noticias, describiendo e interpretando recursos contextuales potencialmente capaces de producir visibilidad de esos actores de cuerpos y existencias disidentes, a fin de comprender la construcción de sentidos que se crearon a partir de esa visibilidad. Como soporte teórico, movilizamos los presupuestos impresos dentro del Análisis Crítico del Discurso, siguiendo los enfoques de los lingüistas Teun van Dijk (1996) y Norman Fairclough (2003). Para la investigación evaluamos macrocategorías de análisis de visibilidad: la cantidad y la ocurrencia de los elementos de la portada del periódico (titular, portada de llamada, noticia principal, foto-subtítulo y frases) y del cuaderno (título, subtítulo, balazo, cuerpo de la noticia, fotos y texto-subtítulo); la cantidad y la ocurrencia de momentos históricos de la publicación de los textos; la ocurrencia del cuaderno en que se publicaron dichos textos; así como la inclusión, en el interior de las noticias, de voces de los actores objetivo de la investigación. Este artículo, por representar un primer momento de tal estudio, registra sólo parte del trabajo describiendo eminentemente el proceso de lectura bibliográfica, presentando el amparo epistemológico que orientó los encuentros para la investigación, informando el trabajo de recolección de datos para análisis y apuntando el resultado del número de ocurrencias y la visibilidad del grupo analizado de acuerdo con el cuaderno del periódico en el que las noticias fueron más recurrentes.

**Palabras clave:** Discurso. Visibilidad. Género. Sexualidad. *Folha de S.Paulo*.



## 1. Introduzindo

O projeto Representação e Visibilidade de Gênero e Sexualidade Periféricos na Imprensa Hegemônica Brasileira consiste na análise de como pessoas que não se enquadram nas identidades de gênero e sexualidade hegemônicas são representadas pela imprensa dominante no Brasil. O material que serve como *corpus* ao trabalho são notícias sobre lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis (LGBT+) publicadas pelo jornal de maior circulação e tiragem dos últimos anos, a *Folha de S.Paulo*<sup>3</sup>. A partir da análise desses dados, a pesquisa investiga o discurso produzido por meio das notícias, descrevendo e interpretando recursos contextuais, textuais e lexicogramaticais potencialmente capazes de produzir visibilidade e representação desses atores, a fim de compreender a construção de sentidos gerada.

Para tanto, esta investigação segue os pressupostos de epistemologias críticas nos estudos linguísticos contemporâneos, particularmente aqueles cunhados no interior da Análise Crítica do Discurso, notadamente os enfoques feitos pelos linguistas Teun van Dijk (1996) e Norman Fairclough (2003), a partir dos quais podemos refletir sobre o papel da linguagem como elemento constitutivo das práticas sociais e, portanto, como componente de reprodução e transformação da sociedade. Além disso, para subsidiar a compreensão sobre as categorias que analisamos, o estudo se apoia na teoria de Theo van Leeuwen (2008), acerca da representação de atores sociais realizada por grupos nominais, e nos postulados teórico-analíticos cunhados pela Linguística Sistêmico-Funcional, especificamente no trabalho de Michael Halliday e Christian Matthiessen (2014) sobre grupos verbais, expressos através do Sistema de Transitividade. Assim, sob uma interpretação do impacto dos resultados no interior da conjuntura sociopolítica atual dos ativismos LGBT+ e *queer*, buscaremos concluir o que, no discurso da *Folha*, afeta o modo como a sociedade compreende as expressões de gênero e sexualidade dissidentes.

O trabalho que é fragmento desse projeto maior, e do qual aqui descrevemos uma parte, tem por objetivos identificar os mecanismos de visibilidade (notoriedade e frequência) usados pela imprensa hegemônica brasileira sobre pessoas de identidades sexuais e de gênero historicamente marginalizadas. Assim, verificar os mecanismos de visibilidade por ocorrência de publicação, a fim de aferir o grau de adesão e negligência da imprensa dominante ao reportar pessoas de expressões sexuais e de gênero periféricas e suas questões, sociabilidades e agruras na

---

<sup>3</sup> A plataforma que utilizamos para levantar esse *ranking* foi o *site* da Associação Nacional de Jornais, fundação que, desde 1979, promove investigações sobre os veículos brasileiros de comunicação noticiosa e ampara diversos trabalhos acadêmicos com os resultados desses estudos. Disponível em: <https://bit.ly/3aGV395>. Acesso em: 1º ago. 2017.



vida social brasileira. Ademais, com este estudo, buscamos identificar os mecanismos de visibilidade por estrutura textual na capa do jornal, pois, se a notícia for apresentada na capa (por qualquer que seja a estrutura), garantirá mais visibilidade e, desse modo, será apreendida não apenas por quem ler o relato, mas também por quem não optar por abrir e folhear o veículo.

Além disso, almejamos descobrir os mecanismos de visibilidade por seleção de caderno do jornal, tendo o desígnio de verificar o foco temático da publicação, bem como os possíveis efeitos de sentido desse foco para localizar as pessoas de sexualidade e gênero periféricos como fato noticioso. Assim, nosso intuito é também identificar os mecanismos de visibilidade por estrutura textual no interior do caderno do jornal, dado que a presença de olho, chapéu e linha-fina funciona como um processo de tematização do conteúdo a ser lido, pois aponta um modo de produção semiótica que revela maior contextualização e visibilidade dentro do caderno.

Por fim, descobrimos a ocorrência e a frequência de citações diretas, com alvo de desvendar se a utilização desse recurso se restringe ao espaço dos comentários – como sugere a literatura sobre o assunto –, bem como de identificar de que atores são as vozes reportadas. Isso permite que se reconheça a quem foi dado o acesso ao discurso direto, ainda que este possa ser manobrado.

Para este artigo, registramos 190 notícias, que foram submetidas à análise quantitativa (levantamento da quantidade e ocorrência dos constituintes da capa e do caderno em cada edição coletada do jornal, assim como das datas de publicação e do tipo de caderno em que foram publicadas) e à análise interpretativa dos resultados que a investigação quantitativa gerou, sendo a leitura desse segundo exame coadunada a um olhar sobre a conjuntura social da qual os textos analisados são parte. Os resultados apresentados, para este artigo, no tópico que lhes correspondem, descrevem as ocorrências por ano e por mês de publicação ao longo dos anos analisados e a ocorrência dos registros noticiosos por caderno do jornal.

Ao fim da análise, chegamos às seguintes conclusões: o jornal *Folha de S.Paulo* possui alto grau de negligência aos indivíduos de gênero e sexualidade dissidentes, oscilando a quantidade de ocorrências ao longo dos anos; o caderno *Cotidiano* é o que mais apresenta as



notícias analisadas, quase 50% de todas as ocorrências; o mês em que ocorre a Parada LGBT<sup>4</sup> de São Paulo e os meses que lhes são adjacentes são aqueles com o maior grau de visibilidade.

## 2. Sobre os estudos da linguagem e seu potencial para uma sociedade melhor

Considerando que, por muito tempo, o caráter formalista e o ideal positivista tomaram conta dos métodos e rumos das pesquisas científicas, levando a Linguística ao não reconhecimento do seu papel enquanto agente transformador das relações sociais mediadas pela linguagem. O estudo aqui relatado propõe que a Linguística pode, deve e precisa quebrar essa tradição.

Na perspectiva de um enquadre crítico sobre a linguagem, o enfoque de uma investigação científica foge à ideia positivista de tomar a sociedade como fato objetivo e o uso da linguagem como sua projeção. Mais do que isso, abordagens desse tipo concebem que o significado linguístico é inseparável dos sistemas de ideologia e que ambos dependem da estrutura social. (VOLOCHÍNOV, 2004) Assim, esse enquadre aponta para o entendimento de que a Linguística contemporânea precisa desconstruir os significados tomados como óbvios ou as “agendas ocultas” presentes nos textos, expondo elementos indiciais reprodutores da organização social, que privilegiam certos grupos e indivíduos em detrimento de outros, por meio de formas institucionalizadas de ver e avaliar o mundo (ideologias) ou pela preservação de poderes de grupos dominantes (hegemonia), uma vez que “a linguagem projeta, permanentemente, relações e estruturas sociais, de acordo com os desejos dos participantes, em regra os do(s) participante(s) mais poderoso(s)”. (Pedro, 1997, p. 33) Nesse sentido, como resposta ao irrecusável compromisso que nos cobra a vida hodierna, suas práticas e seus discursos, é imperativo partir dessa perspectiva crítica para reinventar o modo como tradicionalmente pensamos a relação entre a sociedade e a linguagem, exigindo “do cientista em geral (e do linguista, em particular) procurar ver ‘com novos olhos’ os fatos, porque é destas novas visadas que a ampliação do conhecimento acaba por surgir”. (BORGES NETO, 2004, p. 8)

---

<sup>4</sup> Chamada de Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, esse evento consiste em um conjunto de ações que se dedicam à afirmação da – e para a – comunidade de pessoas que são representadas pela sigla e o espectro de gêneros e sexualidades que ela acolhe de forma política: lésbicas, gays, bissexuais e pessoas transgêneras em todas as suas expressões. Além disso, as paradas representam um momento de sociabilidade de experiências individuais, atividades artísticas, luta contra a violência sofrida por LGBTs e por igualdade de direitos civis etc. Em outras palavras, é um momento marcado pela agentividade desses indivíduos em prol das suas causas sociais.



### 3. Um pouco sobre gênero e sexualidade dissidentes

No Brasil, a partir do momento em que nascemos, possuímos direitos que fazem parte da nossa legislação e são inalienáveis: saúde, moradia, educação, alimentação adequada e trabalho, entre outros requisitos básicos da vida com dignidade. Para lutar e fazer com que esses direitos se efetivem, pessoas e comunidades têm se organizado historicamente em movimentos, fóruns, associações, sindicatos etc. A exemplo disso, nos últimos anos, nosso país passa por um processo político de redefinições no tocante aos direitos sociais de indivíduos homossexuais e bissexuais de ambos os sexos e de pessoas transgêneras<sup>5</sup> (LGBT), grupos cujas identidades de orientação sexual e de gênero têm sido secularmente consideradas anômalas quando comparadas à normatividade heterossexual e misógina, culturalmente empedernida na maior parte do mundo. Nesse contexto, temos presenciado a emergência de novos paradigmas sociopolíticos referentes a esses atores. Todos são resultados das constantes atuações que LGBT+ vêm empreendendo em atividades coletivas e públicas de autoafirmação, práticas que, ao longo das últimas décadas, têm configurado verdadeiros deslocamentos no modo desses sujeitos se comportarem e serem representados.

Num olhar superficial sobre esse horizonte, tais deslocamentos podem parecer restritos à esfera das relações sociais e privadas de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros etc. No entanto, o realinhamento em torno dos direitos que esses atores devem possuir como cidadãos de uma república democrática faz parte de uma luta mais ampla, pois incide sobre as bases da organização social e da cultura em que vivemos, uma vez que a estrutura dessas bases se encontra do lado oposto aos interesses dos grupos minoritários de direito, como também porque a discussão pública em torno desse contexto está inserida num compósito de opiniões, eleições e regulações oriundas do jogo de poder social que avalia o que é moral, saudável, legítimo e legal em termos de identidade de orientação sexual e de gênero na nossa sociedade. Está em causa a sensibilidade para com afetos e desejos que extrapolam as normas da heterossexualidade e da

---

<sup>5</sup> Segundo Berutti (2010), após uma série de reivindicações do atual movimento LGBT quanto às questões de equidade sexual, o termo “transgênero” passou a referir largamente às pessoas que transgridem o sistema binário de gênero (homem/mulher = masculino/feminino), seja sob uma dimensão identitária ou uma dimensão funcional. No primeiro caso, tomamos como exemplo *travestis* (indivíduos que utilizam nome social e comportamentos convencionados aos sujeitos do sexo biológico oposto ao seu e fazem intervenções estéticas e fenotípicas consoantes com o “sexo” almejado, mas preservam traços psicossociais de sua identidade tida como original e não desejam recorrer à cirurgia de transgenitalização [BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2009]) e *transsexuais* (pessoas que possuem uma identidade de gênero diferente da designada no nascimento, tendo o desejo de viver e serem aceitas como pessoas do sexo biológico contrário, para tanto frequentemente submetendo-se à cirurgia de transgenitalização [WONDER, 2010]). Já na segunda dimensão, podemos nos referir a *crossdressers* (“pessoas que eventualmente usam roupas e acessórios tidos como do sexo oposto ao seu sexo biológico” [VENCATO, 2009, p. 97], muitas vezes por fetiche ou prazer estético), *drag queens* (“artistas que fazem uso da feminilidade estereotipada e exacerbada em suas apresentações” [JESUS, 2012, p. 10]) e o seu contrário, *drag kings*.





masculinidade hegemônica, assim como para as diversas conexões entre sexo, gênero e comportamentos eróticos na definição da pessoa e seus direitos. (SIMÕES; FACCHINI, 2008)

Essa realidade configura uma rede de práticas sociais que revela múltiplas vozes dissonantes em embates que não se restringem ao Direito, à política governamental ou à militância de coletivos LGBT organizados, mas envolvem todos os setores da vida social, como a família, a escola, as religiões, a mídia, a saúde e a ciência. Trata-se de uma discussão que tem se revelado como arena na luta pela democratização dos significados de aspectos importantes para a formação cultural e para a garantia de direitos sociais, posto que o problema da exclusão que sofrem LGBT+ é historicamente multicausal e tem efeitos também de diversas naturezas, estando, assim, “longe de ser tão só legal; é, mais do que isso, ético”. (COSTA, 2010, p. 12)

Nesse cenário, o maior protagonista de tal processo corresponde ao movimento ativista que hoje se faz designar pela sigla LGBT e cujas reivindicações têm ganhado bastante visibilidade atualmente, a ponto de suscitar projetos de lei em todos os níveis do Legislativo, assim como a formação de frentes parlamentares em âmbitos nacional e estadual. Suas estratégias incorporaram, entre outras coisas, a demanda por direitos por meio do Judiciário, o esforço pelo controle social da formulação e implementação de políticas públicas, a produção de conhecimento em âmbito acadêmico, setoriais em partidos políticos etc. Além disso, e não menos importante, fomentaram práticas de políticas lúdicas, como as paradas do orgulho LGBT; a organização de saraus, festivais e mostras de arte; e a apropriação de manifestações bem mais antigas na chamada comunidade LGBT, como os concursos de *Miss Gay* ou *Miss Trans*. (SIMÕES; FACCHINI, 2008)

O significado do processo de politização que esse movimento envolve apresenta versões semióticas que tanto sustentam a marginalização social dos sujeitos que representam quanto fornecem subsídios para que eles resistam ao alijamento a que foram impostos. Consideramos como um importante caminho para compreender a dinâmica desse processo a análise da visibilidade que a imprensa constrói sobre os atores envolvidos em ações coletivas.

Para além dos direitos que pessoas dissidentes de gênero e sexualidade reivindicam por anos a fio, a premente necessidade de liberdade que sentem denuncia uma série de traços culturais que a nossa sociedade precisa transformar. Traços esses que estão na base da estrutura social do Brasil desde sua formação: conservadorismo, patriarcalismo e misoginia, entre outras características flagrantes do povo brasileiro, ensinadas, incutidas, reproduzidas, reforçadas por



meio de muitos modos de sociabilidade, desde aqueles mais imediatos e rotineiros (uma conversa familiar ou entre amigos/as), passando por outros rituais institucionalizados, marcadamente ideológicos (religioso ou pedagógico, por exemplo), até os mais mediados e massificados sob a lógica do mercado da comunicação (mídia em geral e imprensa em particular).

A compreensão de que o funcionamento desses traços é parcialmente discursivo e que tem sua realização no processo de produção gramatical é um dos principais desafios às novas análises de discurso da sociedade contemporânea, sobretudo ao percebermos que “a Linguística, depois de mais de 40 anos de sua introdução oficial nas universidades brasileiras, permanece invisível e inaudível para a sociedade em geral” (LARA, 2009, p. 27) e tem seu espaço de questionamento ainda restrito, quando muito, ao ensino de língua. A imobilidade dos estudos linguísticos frente aos problemas sociais reverbera como verdade inquestionável entre linguistas que defendem ser unicamente o estudo imanentista da palavra, da sentença e do texto, o dispositivo de ação científica de pesquisadores/as da linguagem. A nulidade de reflexão por parte deles/as sobre o quão intrincada é a relação entre essas esferas empíricas da prática social e os outros elementos que constituem a realidade acaba por fustigar as possibilidades de atuação da Linguística perante problemas sociais que se fortalecem por meio de estruturas semióticas (re)produzidas.

Longe de serem isentos de linguagem, os traços culturais que listamos não podem ser percebidos e combatidos – em nome da garantia de liberdade de expressão e do direito à felicidade de todas as pessoas – se não for por uma reflexão crítica sobre o semblante semiótico que possuem e por um exercício de empoderamento acerca dos mecanismos discursivos que lhes sustentam. Isso significa que um importante caminho ao exercício de superação das cruéis contingências sociais que levam à exclusão humana, em geral, se faz pela conscientização de que a linguagem e o texto são ingredientes inerentes às estratégias de discriminação/preconceito/violência de qualquer ator social que ouse questionar os padrões canônicos de poder sustentados pelos referidos traços culturais.

#### 4. Metodologia planejada completa do estudo

Para o estudo em tela, planejamos ler e discutir textos fundamentais referenciados<sup>6</sup>, com o intuito de: 1. compreender a história das sociabilidades e dos ativismos de pessoas cujas identidades sexuais e de gênero são consideradas dissidentes; 2. Mapear a constituição da

---

<sup>6</sup> A seleção epistemológica que fizemos reflete os paradigmas teóricos e ideológicos que seguimos e o potencial de análise de discurso crítica que perseguimos com nossa investigação.





imprensa brasileira nos séculos XX e XXI, sobretudo a edificação do jornal *Folha de S.Paulo* (objeto de análise da pesquisa), a fim de amparar o olhar analítico sobre as estratégias de visibilidade analisadas e, conseqüentemente, a ideologia que subjaz tais estratégias; 3. Conhecer as estruturas e as técnicas para a escrita do texto jornalístico impresso; e 4. Mobilizar um aparato teórico-metodológico dos conceitos e das categorias de análise dos estudos críticos do discurso que serviram de ferramentas na pesquisa.

Tendo iniciado essas discussões teóricas, debatemos sobre a maneira que poderíamos fazer o recolhimento das notícias da *Folha* a fim de criarmos um grupo de dados conciso aos nossos objetivos. Seleccionamos o *corpus* – notícias veiculadas nos 17 primeiros anos do século XXI pelo jornal de maior circulação, tiragem e vendagem do Brasil, acerca das vivências e das vicissitudes da população cuja visibilidade é analisada nesta pesquisa. Averiguamos em que datas as notícias foram publicadas e qual o grau de visibilidade por ocorrência de publicação. Em função disso, buscamos saber: 1. se a *Folha* apagou completamente a existência de tal população da pauta do jornal; e 2. Se esse jornal publicou algum fato noticioso sobre essas pessoas, situando-o em notícias de dias subsequentes (abordando, assim, não apenas as informações de caráter primário, como aquelas que respondem ao lide da notícia, mas também as de caráter secundário, que permitem comentários e aprofundamento, como as respostas às questões do *sublide*).

Decidimos, pois, realizar a coletas dos textos noticiosos por meio de três indexadores, preenchendo os espaços de pesquisa no endereço eletrônico do acervo da *Folha*<sup>7</sup> e, a partir dos resultados da busca, realizamos uma leitura dos títulos das notícias e outra leitura introdutória dos textos que compõem essas notícias. Tais indexadores são: 1. *queer*; 2. LGBT; e 3. Transexual. A seleção desses termos-chave se deu a partir de um estudo e uma discussão sobre quais palavras melhor representariam o aparato epistemológico da pesquisa e/ou nos levariam a diferentes sentidos no que diz respeito a como os leitores do jornal *Folha de S.Paulo* acessam temas como a sociabilidade e o comportamento político de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade.

O indexador 1 foi escolhido por representar, além de uma categoria conceitual ligada à epistemologia da nossa pesquisa, um conjunto de pessoas que não são acolhidas pelas siglas canonizadas nos espaços políticos do grupo social em análise. A palavra-chave 2 foi selecionada por ser a principal sigla que representa politicamente esse grupo de pessoas marginalizadas. Por

---

<sup>7</sup> A saber, o endereço eletrônico do acervo da *Folha* é: [www.acervo.folha.com.br](http://www.acervo.folha.com.br). Acesso em: 1º ago. 2017.



fim, o indexador 3 foi definido por se tratar de um termo utilizado para categorizar o grupo de pessoas que mais é assassinado no Brasil devido a sua performance de gênero<sup>8</sup>.

Quanto ao processo de busca realizado, utilizamos, como já mencionado, o endereço eletrônico do acervo da *Folha*, que está representado na Figura 1. A página da busca contém três espaços que precisam ser preenchidos para que o sistema do *site* faça a seleção das páginas do jornal em que aparece o indexador selecionado. A palavra-chave foi colocada no primeiro quadro da busca; no segundo espaço, realizamos a seleção do período a que desejamos ter acesso; já o terceiro quadro ofereceu as opções de jornais do grupo *Folha*<sup>9</sup>, procedendo, nesse caso, com a escolha do jornal *Folha de S.Paulo*. Após confirmar a busca com o preenchimento desses três espaços, o *site* se redireciona a uma seção na qual aparecem miniaturas das páginas do jornal que contêm o registro do indexador escolhido. Por meio das miniaturas apresentadas, fizemos a observação do formato da página, com o intuito de identificar se existe a formatação do gênero notícia.

Figura 1 – Campos de busca do endereço eletrônico da *Folha*

<sup>8</sup> Em 2015, o Brasil registrou o marco do país com mais da metade de homicídios a pessoas transgêneras (travestis e transexuais) no mundo, conforme dados apresentados em 2016 pela agência internacional de pesquisa Trans Respect. Além disso, de acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), apenas em 2017 foram contabilizados 179 assassinatos de travestis ou transexuais. Isso significa que, a cada 48 horas, uma pessoa trans é assassinada no Brasil. Os dados são detalhados no *Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017* (ANTRA, 2018), lançado em 25 de janeiro de 2018.

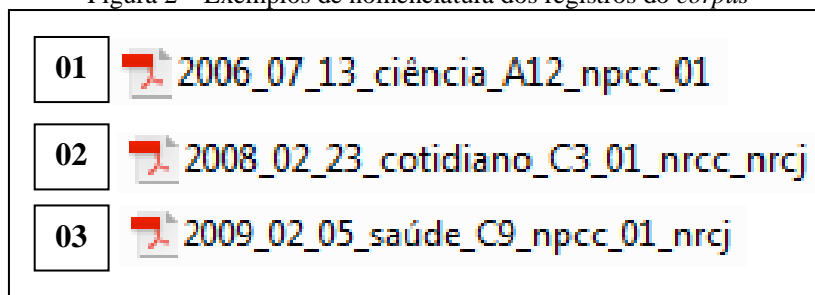
<sup>9</sup> Os jornais que apareciam nas opções oferecidas pela terceira caixa de filtro de pesquisa eram *Folha de S.Paulo*, *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*. A caixa também dispunha da opção de selecionar todos os jornais. As seleções podiam ser feitas uma por vez, cruzando dois jornais, ou marcando a opção “TODOS”.



Selecionamos e catalogamos notícias que contêm tópicos temáticos que giram em torno da sociabilidade e comportamento político de pessoas de gênero e sexualidade tidos como abjetos – quais sejam, as notícias veiculadas nos 17 primeiros anos do século XXI pelo jornal de maior circulação, tiragem e vendagem do Brasil, a *Folha de S.Paulo*, conforme já registramos neste artigo. À medida que essa etapa da coleta era realizada, pensamos de que maneira registraríamos o nome dos arquivos (todos eles no formato PDF) que eram salvos, a fim de facilitar o processo de consulta para análise de conteúdo e, igualmente, para resumir as informações básicas já que o *corpus* estaria acessível para a consulta por pessoas que não necessariamente estariam/estão envolvidas com a pesquisa. Após essa reflexão, montamos o seguinte formato de nomenclatura dos arquivos das notícias: ano\_mês\_dia\_caderno-do-jornal\_página-do-jornal\_npcc\_quantidade-de-notícias-no-arquivo\_nrcc\_nrcj.

Essas siglas destacadas só foram anotadas na marcação do arquivo quando a notícia salva naquele registro (ou as notícias, ou uma das notícias) apresentava-se na capa do caderno (npcc) e/ou com referência na capa do caderno (nrcc) e/ou com referência na capa do jornal (nrcj). Com o intuito de exemplificar essas anotações, a Figura 2 representa algumas das nomenclaturas dos arquivos registrados pelos processos de coleta e triagem:

Figura 2 – Exemplos de nomenclatura dos registros do *corpus*



Fonte: Elaboração própria.

No registro 01 da Figura 2, a leitura que deve ser feita é: notícia de 13 de julho de 2006, contida no caderno *Ciência*, na página A12, que está presente na capa do caderno e contém uma notícia de *corpus* dentro do arquivo. Já a leitura do registro 02 exemplificado na imagem deve ser realizada da seguinte maneira: notícia de 23 de fevereiro de 2008, contida no caderno *Cotidiano*, na página C3, que contém uma notícia de *corpus* dentro do arquivo e tem referência na capa do caderno e na capa do jornal. O arquivo 03 do exemplo segue a mesma lógica, mas com o cruzamento da informação npcc e da nrcj, ou seja: notícia de 5 de fevereiro de 2009, contida no caderno *Saúde*, na página C9, é uma notícia que está presente na capa do caderno, contém uma notícia de *corpus* dentro do arquivo e é uma notícia que tem referência na capa do jornal.

Na sequência dos passos metodológicos, começamos a contagem das notícias cruzando as quantidades por ano e seus respectivos meses, fazendo as anotações numéricas em uma tabela (Tabela 1) e, após isso, elaborando gráficos de linha para uma visualização mais clara dos resultados (Gráficos 1 e 2). A próxima etapa foi o registro numérico, também em tabela (Tabela 2) e em um gráfico de colunas (Gráfico 3), da quantidade de notícias por caderno do jornal, com o objetivo de verificar quais cadernos continham o maior número de ocorrências.

Com isso, almejamos observar as ocorrências (ano, data) e as frequências dessas estruturas e verificar como esse procedimento ajuda a identificar o grau de visibilidade dado às pessoas tematizadas nas notícias. Além disso, nossa finalidade foi também averiguar em que cadernos o jornal noticia fatos sobre pessoas de sexualidade e gênero periféricos, visto que, em geral, o público-leitor associa o macrotema do caderno ao conteúdo das notícias nele inseridas. De acordo com o caderno escolhido pela *Folha*, o jornal ajuda a situar significativamente o seu discurso sobre essas pessoas num contexto específico de produção, distribuição e leitura capaz de causar efeitos de sentido também específicos para a compreensão do fato noticiado.

## 5. Resultados

Os resultados apresentados aqui demonstram alguns aspectos que relatamos a seguir.

Conferem que a *Folha de S.Paulo* possui um espaço discursivo bem fixo, especificamente na afirmação de sentidos no que diz respeito às pessoas de gênero e sexualidade marginalizados. Percebemos que, para o jornal, o termo “*queer*” está associado, principalmente, a movimentações artísticas do universo LGBT. Já o indexador “LGBT” aponta, sobretudo, sentidos ligados às atividades políticas desse mesmo universo. Por sua vez, palavra-chave “*transexual*” aparece com sentidos ligados a atividades políticas e científicas desse grupo, como também a ações artísticas, performativas e de compreensão do termo e do movimento.

Esses resultados assinalam o modo como, e a partir de que, a *Folha* dá acesso a maneiras de compreender e interpretar a existência do grupo em questão. No desenrolar e ao fim do processo teórico-analítico, de triagem e de leitura minuciosa das notícias, essas características ajudaram a perceber não apenas a maneira como o jornal constrói os sentidos acerca desse grupo social, mas também levaram a entender os mecanismos dessa forma de visibilizar.



A partir de então, traçamos uma interpretação articulada e coerente que nos ajuda a compreender os mecanismos utilizados pela *Folha de S.Paulo* para dar visibilidade aos grupos de pessoas analisados nesta pesquisa. A fim de melhor ilustrar e criar uma referência, elaboramos tabelas com um esquema de cores que seguem a seguinte lógica: a cor amarela representa as primeiras linha e coluna onde estão postas as informações principais; a cor cinza pinta os espaços em que estão as quantidades que especificam cada cruzamento de linha principal com coluna principal; de laranja e azul estão coloridos os totais das linhas e colunas, respectivamente (nem sempre ambos estão registrados); de verde, quando há o aparecimento, está marcado o total geral de ocorrências recolhidas correspondentes à tabela em questão; e de roxo, sempre que houver o registro em gráfico, o total de notícias coletadas. Além das cores, existe a referência por nomes, como de costume; acerca disso, sempre que houver a necessidade do uso dos meses do ano, cada um deles aparecerá em sua forma reduzida, a saber: jan., fev., mar., abr., mai., jun., jul., ago., set., out., nov. e dez. Já a respeito dos gráficos, as cores das suas linhas ou colunas seguem as cores da seção da tabela correspondente que eles representam.

Posto isso, a Tabela 1 cruza os 17 anos de publicação com os 12 meses do ano; os Gráficos 1 e 2 estão a ela relacionados e seguem na sucessão do texto, e ambos resumem o registro de ocorrências das notícias que compõem o *corpus* da pesquisa. A Tabela 1 descreve, em detalhes numéricos, as ocorrências de notícias; o Gráfico 1 representa a linha de curva das ocorrências das quantidades anuais de publicações; já o Gráfico 2, a linha de registro das quantidades mensais de publicações.



Tabela 1 – Registro de notícias por mês e ano de publicação.

REGISTRO DE NOTÍCIAS POR ANO E POR MÊS DE PUBLICAÇÃO														
MÊS \ ANO	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	TOTAL POR ANO	
2001		1	1		1								3	
2002			1					1			1	2	5	
2003						6		1		1	1		9	
2004			2	1		4	1	1	1		2		12	
2005			1		2								3	
2006				1		2	2						5	
2007				2	1	3				1			7	
2008		1			2	5				1	2		11	
2009		1			1	3					1		6	
2010		1				2		3	3	1	3	1	14	
2011	1	1			1	2	1	1	1	3			11	
2012	1		1		1	7	1		1		1		13	
2013	3	1							1	1	3		9	
2014	1	2		2	8		2	1	7	1	3		27	
2015	2	1	3		2	7	3		2	1		2	23	
2016					2	1			1	3	1		8	
2017		1	1	1	2	7	3	6	3				24	
TOTAL POR MÊS	8	10	10	7	23	49	13	14	20	13	18	5	190	TOTAL GERAL DE NOTÍCIAS

Fonte: Elaboração própria.

Na primeira coluna da Tabela 1 foram listados, em cada linha, os anos analisados (de 2001 a 2017); nas colunas seguintes, foram sendo cruzados os meses do ano e a quantidade correspondente de notícias recolhidas durante o processo de catalogação; a última coluna e a última linha da tabela registram os totais anuais e mensais, respectivamente. Na ponta direita inferior, está marcado o total geral de notícias recolhidas ao fim da catalogação e da triagem, somando 190 ocorrências. Numa primeira impressão, é importante destacar que a quantidade total de notícias do mês de junho (49) é mais que o dobro da quantidade do segundo mês com maior ocorrência (maio, 23 ocorrências). Já observando os anos, julgamos que os quatro últimos merecem um olhar mais atento, pois apresentam a maior soma da quantidade de textos noticiosos; assim como uma queda, ou apagamento de notícias, no ano de 2016, com apenas 8 ocorrências.

Os Gráficos 1 e 2 representam mais objetivamente esses dados e ajudam a enxergar as informações da tabela em outra perspectiva:





Gráfico 1 – Gráfico de linha de curva das quantidades de ocorrências anuais



Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os dados fornecidos pelo Gráfico 1, os três anos de maior quantidade de ocorrências, como anotado na Tabela 1, são os anos de 2014, 2015 e 2017, com 27, 23 e 24 notícias publicadas, respectivamente. Já o ano que mais nos chamou a atenção durante o processo de análise foi o de 2016, com oito ocorrências, pois é um decréscimo significativo quando comparado aos três anos finais que lhe são adjacentes.

Acerca dessa ascensão de textos noticiosos nos anos finais, chegamos à conclusão de que coincide com o aparecimento mais frequente de pessoas LGBT e suas ações individuais ou em grupos (Figura 3) no cenário midiático. Isso se deve a algumas questões que podem ser exemplificadas com notícias extraídas do nosso *corpus*: filmes, festivais, músicas, artistas etc., que marcam um cenário artístico propício à notificação de fatos (Figura 4); políticas públicas, que começam a ser debatidas na sociedade, envolvendo esse grupo de pessoas (Figura 5); e o crescente acesso de pessoas de gênero e sexualidade marginais na ciência e na política (Figuras 6 e 7). Ainda com essa marca crescente de notoriedade ao longo dos últimos anos e do recorte temporal da pesquisa, demarcamos um baixo nível de visibilidade.

Na sequência do texto, estão dispostas as Figuras de 3 a 7.



Figura 3 – Notícia de 18 de janeiro de 2014



Fonte: Acervo da Folha de S. Paulo.

Figura 4 – Notícia de 31 de março de 2015



Fonte: Acervo da Folha de S. Paulo.





Figura 7 – Notícia de 13 de julho de 2006

**Neurocientista transexual ataca o machismo em estudos cognitivos**  
**Pesquisador nega que haja menos mulheres cientistas por razões biológicas**

**MARIANA TANAKI**  
 COLABORADORA DA FOLHA

Ben Barres é neurobiólogo da Universidade Stanford, formado em zoologia e com doutorado em Harvard. Já se posicionou contra uma teoria polêmica que vem ganhando força: a de que há menos mulheres cientistas porque elas são biologicamente menos aptas para a ciência. Barres diz que isso não passa de bobagem.

Mas o que mais confere credibilidade e autoridade ao seu trabalho é que, ao longo da maior parte de sua vida acadêmica, Barres foi conhecido como doutora Barbara. Em 1997, ele precisou mesmo indicar um tratamento com hormônios.

Sua opinião foi publicada hoje na revista "Nature", como resposta a um debate que se estende desde o ano passado, quando ex-presidente da Universidade Harvard, Lucy Szirmai, defendeu que o baixo número de mulheres cientistas tinha como principal razão diferenças naturais entre os sexos.

O mais recente artigo que defende a ideia, "Hormones, Matrices e Fatores na Ciência", foi escrito neste ano pelo biólogo Peter Laserson, membro da Royal Society, a principal instituição científica britânica.

Principal alvo das críticas de Barres, Laserson garantiu que foi mal-interpretado. "Recibi

mas de e-mails. Cerca de 70% delas vieram de mulheres. Muitas delas discutiram a revista acadêmica pelas razões que eu mencionei no artigo."

**Falta de dados**  
 O principal argumento de Barres é que sem a poltrona de Sumner não se sabe se os outros cientistas que defendem sua posição usam dados suficientes para dar suporte à ideia de que a biologia das mulheres é menos incluída à matemática ou à ciência.

"As consequências são devastadoras quando cientistas homens fazem comentários tão fortes (mas sem base científica nenhuma) sobre supostas habilidades inferiores das mulheres", disse Barres em entrevista à Folha.

Barres descreve diversas experiências que teve pessoalmente, tanto como homem quanto como mulher, para sustentar sua hipótese.

O geneticista brasileiro Renato Zamora Flores, da UFPA, concorda com Laserson. Para ele a mulher seria naturalmente menos competitiva. Ele vê diferenças de aptidão entre os sexos "em todas as situações muito competitivas e, em especial, nas patológicas (ou seja, competitivas)". Mas pondera que "a literatura científica que contradiz essa diferença com desproporção se soma à bastante consistente por outras variáveis".



**Ben Barres (ex-Barbara Barres), que trocou de sexo em 1997**

Fonte: Acervo da *Folha de S.Paulo*.

Ainda em observação das informações do Gráfico 1, outro aspecto que consideramos curioso e nos levou a pensar foi a queda significativa da quantidade de registros noticiosos que ocorreu em 2016, saindo da faixa de 23 casos em 2015 para 8 em 2016 e subindo para 24 em 2017. Essas oito ocorrências que tratam de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade como agentes de suas ações, no ano de 2016, levaram-nos à seguinte hipótese: os textos noticiosos da *Folha*, em 2016, se concentraram no desenvolvimento do golpe político sofrido pela ex-presidenta Dilma, um movimento articulado por grupos antidemocráticos e criminosos, contrários à posição da ex-governante enquanto presidenta eleita pela maioria e também à sua postura política, econômica e de combate à corrupção – sem deixar de dizer do incômodo por ela também ser uma mulher que não se encaixa nos padrões hegemônicos de feminilidade.

Ainda nesse aspecto, é preciso considerar que, historicamente, a mídia dominante, em situações de crises sociais como foi esse golpe contra a democracia brasileira em 2016, preenche seu quadro informativo com textos que desenvolvem os fatos em todos os aspectos possíveis. Dessa forma, pautas que não são consagradas ou tradicionais tendem a não aparecer, sendo tomadas por notícias relacionadas ao crítico momento histórico que se põe em maior evidência. Exatamente por isso que registros jornalísticos que trazem a temática LGBT+ e afins sofrem um





apagamento, principalmente se levados em conta os processos de marginalização que esses temas sofrem dentro das mídias jornalísticas de maior poder.

No tocante a isso, ainda podemos discorrer sobre a importância dos sistemas de informação enquanto práticas sociais determinantes e criadoras de esferas de poder que oprimem e/ou são oprimidas, sobretudo em situações de crises históricas. Esse fator aplica-se, indiscutivelmente, quando falamos de Brasil. É sabido que a mídia brasileira sempre posiciona seu discurso conforme seus próprios interesses – nesta pesquisa, chamamos a instância jornalística que comanda esses interesses de Poder<sup>10</sup> –, rompendo com os objetivos ideais de uma mídia livre e aberta. Para além disso: rompendo com uma mídia que funcionasse como instância social de desvelamento de condições opressoras e reprodutoras de violências que vitimizam a sociedade.

Gráfico 2 – Gráfico de linha de curva das quantidades de ocorrências mensais



Fonte: Elaboração própria.

Já em relação às quantidades mensais, o Gráfico 2 revela que o mês de junho soma 49 publicações realizadas pelo jornal, representando o pico mais alto da linha de curva. Como já mencionado, essa quantidade é o dobro quando comparada à do o mês de maio, que representa a segunda maior expressão numérica de notícias. Com essa informação também pensamos no que motivou (motivaria) a *Folha* a dar acesso às vivências do grupo de pessoas em análise: observando cada registro desse mês, percebemos que junho é o mês da Parada LGBT no estado de São Paulo e, por esse motivo, o maior número de ocorrências; seguido por maio, que é o mês

<sup>10</sup> Segundo Van Dijk (1996), os contextos discursivos jornalísticos são organizados em esferas, sendo elas: Poder, Controle e Acesso. O Poder é constituído pelos donos das empresas jornalísticas que, a partir dos seus interesses e ideologias, impõem a informação ao público consumidor, assegurando organizações sociais de poder e subordinação. Já a categoria Controle é representada por repórteres, pauteiros/as, redatores/as e editores/as, sendo esses os/as responsáveis pela execução das demandas do Poder. Por fim, o Acesso é formado por diagramadores/as, ilustradores/as e revisores/as; estes têm a função de informar semioticamente, graficamente e categorizando cada texto do jornal.



antecessor. Na Figura 8, para ilustrar esse resultado, é possível visualizar uma das notícias recolhidas que indicam o acontecimento da Parada LGBT de São Paulo, no dia 9 de junho 2012:

Figura 8 – Notícia de 9 junho de 2012 sobre a Parada LGBT de São Paulo



Fonte: Acervo da Folha de S.Paulo.

Esse dado nos fez lembrar, durante a análise, que em 28 de junho de 1969 acontecia a Batalha de Stonewall (GREEN, 2000) de afirmação LGBT perante o estado repressor que caracterizava os Estados Unidos naquele ano. Após uma luta da população de gênero e sexualidade periféricos, marcada por sacrifícios contra a força policial armada, a data 28 de junho ficou estabelecida, mundialmente, como o Dia do Orgulho LGBT, mais amplamente: o Mês do Orgulho LGBT. Por esse motivo, então, que os jornais do mundo todo dão notoriedade à realização desse evento pelos diferentes países. Mais especificamente no Brasil, a Parada LGBT de São Paulo consagrou-se como a maior do mundo e, por motivos que vão além do interesse do Poder da mídia impressa, o impacto social desse evento *per se* mobiliza diferentes indivíduos de diferentes esferas sociais. Ou seja, independentemente da mídia impressa, o evento em questão tem sua própria força de notoriedade, visto que se trata do momento anual de subversão e expressão plena, de ares carnavalescos, do gênero e da sexualidade dissidentes. Para além disso: o Mês carrega consigo a força da luta pelas causas igualitárias que tentam tirar essa população da margem social.

Com base nessas considerações, fica evidente que é um compromisso profissional e social da *Folha* dar acesso às vivências agentes da população de identidade de gênero e expressão sexual abjetificados socialmente, ainda que se concentre em dois principais meses. Ao mesmo tempo em que destacamos esse nível de notoriedade, questionamos também os





níveis de apagamento dessas vivências ao longo dos outros meses do ano, durante os anos de análise. Nessa medida, marcamos que a visibilidade dada pela *Folha* é seletiva e pode significar um texto noticioso<sup>11</sup> que não demarca a profundidade da importância do Mês e da Parada para o grupo de indivíduos em questão.

Acerca dessa última hipótese levantada, à medida que o projeto maior de pesquisa do qual fazemos parte for avançando ao longo dos anos que lhe são propostos (quatro, no total), haverá momentos em que nos empenharemos em analisar minuciosamente os aspectos textuais de cada notícia. Esse movimento de apuração se dedicará em sopesar desde aspectos discursivos dos elementos das notícias até questões de nível sintático-semântico de cada texto noticioso. Assim sendo, cada hipótese que surgiu durante este primeiro ano de análises será validada ou desconsiderada no avançar dos anos de desenvolvimento deste estudo.

Na sequência da análise dos resultados, outro aspecto que observamos foi a distribuição das notícias nos cadernos que compõem o jornal. Antes da descrição de cada quantidade encontrada e dos níveis de visibilidade, observemos a Tabela 2

Tabela 2 – Registro de notícias por caderno do jornal ao longo dos 17 anos

ANO \ CADERNOS	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	TOTAL POR CADERNO
Cotidiano			6	4	1	3	1	6	2	10	8	9	1	10	10	3	12	86
Ilustrada	1		1	3	1			4		2	1	3	1	6	8	2	7	40
Mundo	1	2		1		1	5			1			3	1	2	2	2	21
Esporte		1	1	2										3				7
Guia da folha													1	1	1		2	5
Brasil				1	1			1	1									4
Poder													2	2				4
Ciência			1			1				1								3
Campinas	1	1																2
Ilustrada-acontece				1				1										2
Folhateen									1		1							2
Outros cadernos		1							2		1	1	1	4	2	1	1	14
<b>TOTAL GERAL DE NOTÍCIAS</b>																	<b>190</b>	

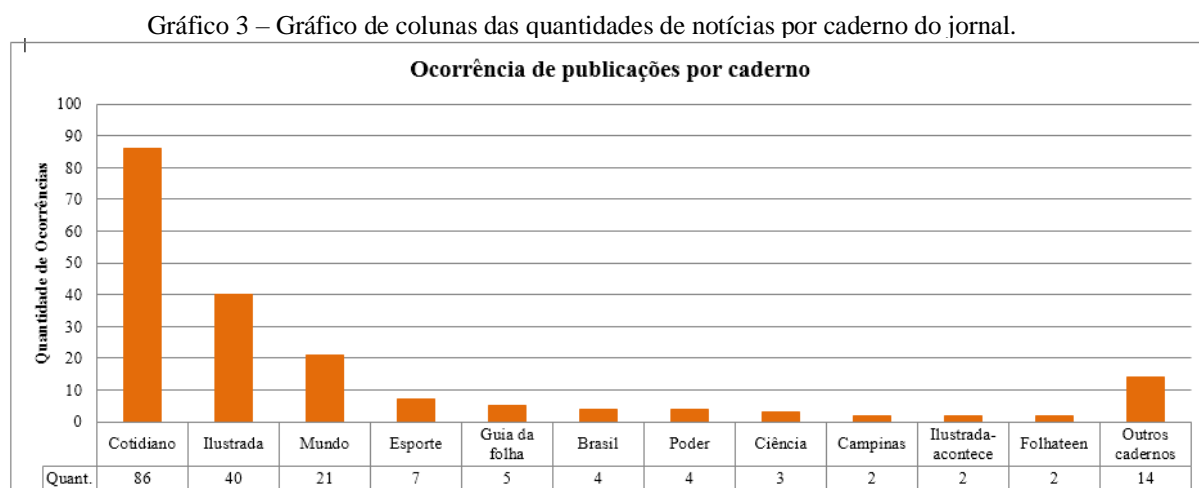
<sup>11</sup> É preciso lembrar que essa etapa da nossa pesquisa não se debruçou sobre os aspectos textuais de cada uma das notícias recolhidas, logo, não podemos determinar os níveis de visibilidade levando em conta a quantidade ou qualidade de informações contidas no texto de cada ocorrência (como recursos sintáticos, por exemplo). Mas, levando em conta a leitura dos elementos das notícias que analisamos (título, linha fina, olho, chapéu, lide, sublide, texto-legenda, intertítulo, relato e outros elementos), podemos levantar essa hipótese de insuficiência de mecanismos de visibilidade dentro do jornal *Folha de S.Paulo*.



A Tabela 2 apresenta, em sua primeira coluna, a sequência dos cadernos por ordem da maior recorrência para a menor. Nas colunas seguintes, foram sendo colocados os registros numéricos cruzando os anos de publicação que foram sequenciados na primeira linha. Na última coluna, estão anotados os totais de ocorrência por caderno e, na parte inferior direita, última linha, está o total geral de ocorrências registradas, coincidindo com os dados da Tabela 1. Conforme é possível visualizar na última coluna, o caderno com maior quantidade de registros é o *Cotidiano* (86, ao todo), agrupando mais do que o dobro de ocorrências se comparado com o caderno *Ilustrada* (somando 40 notícias) – o segundo maior em quantidade de textos noticiosos – e quase metade do total geral de notícias (190) recolhidas durante os processos de coleta e triagem.

Não foi interessante somar e apresentar os totais anuais na Tabela 2, pois a Tabela 1 já acolhe essa informação, bem como o Gráfico 1, somado à discussão dos resultados. Na penúltima linha, a primeira coluna tem anotado *Outros cadernos*. Essa categoria junta os cadernos que tiveram apenas uma ocorrência de notícias ao longo dos anos de análise, que tratavam de pessoas de gênero e sexualidade não hegemônicas como agentes das ações. Esses outros cadernos são, em ordem alfabética: *Dinheiro*, *Eleições 2014*, *Eleições 2016*, *Equilíbrio*, *Ilustríssima*, *Informe comercial*, *Mercado*, *MPME (Guia da Micro, Pequena e Média Empresas)*, *Revista SP*, *Ribeirão*, *Saúde*, *Saúde+Ciência*, *The New York Times* e *Turismo*.

Dessa Tabela 2, conseguimos extrair o Gráfico 3:



Fonte: Elaboração própria.

O Gráfico 3 indica os cadernos *Cotidiano*, *Ilustrada* e *Mundo* como os que apresentam maior quantidade de notícias registradas: 86, 40 e 21, respectivamente. Percebemos o fato de que os dois primeiros colocados, cada um em si, somam, aproximadamente, o dobro da quantidade



do colocado que lhe antecede em ordem crescente. Essas quantidades desenhadas nas colunas do Gráfico 3 revelam um desequilíbrio na distribuição de notícias, ao longo dos cadernos, que apresentam pessoas tratadas como abjetas em termos de gênero e sexualidade.

Numa breve descrição dos três cadernos com mais recorrências, anotamos que o *Cotidiano*, segundo Melo (2013), dispõe de informações que registram as áreas de segurança, educação, direito do consumidor, saúde, trânsito e meteorologia da cidade de São Paulo e regiões metropolitanas; em alguns anos analisados, a área do esporte também aparecia neste caderno. Já os cadernos *Ilustrada* e *Mundo*, conforme o mesmo autor, apresentam, respectivamente, textos sobre cultura e entretenimento; e textos sobre os acontecimentos a nível mundial, podendo ser notícias agenciadas dos jornais de maior prestígio e poder no mundo.

Essas informações apontam que, para a *Folha*, notícias que registram as vivências das pessoas consideradas nesta pesquisa são visibilizadas, sobretudo, quando os assuntos são esses já indicados. Em algumas medidas, é válido considerar que esses tópicos dão abertura a quase tudo que consiga dar visibilidade a esses indivíduos, mas que, ainda assim, privam temas sobre a atuação política e violências sofridas, por exemplo. Para além da Parada LGBT, sentimos falta de notificações sobre a luta das classes LGBT+, suas ações, atividades, intervenções sociais etc. Nesse âmbito, também consideramos que, quando as próximas fases da macropesquisa nos levarem a observar cada texto de maneira detalhada, perceberemos a carência de informações que atestem o protagonismo dessas pessoas marginalizadas. Mesmo que consideremos esses fatos, a quantidade contabilizada ainda é ínfima e, por isso, mais uma vez, revela uma enorme negligência por parte do jornal.

## 6. Conclusão

Os resultados esperados para este estudo consistiam na identificação do conjunto de mecanismos de visibilidade que a *Folha de S.Paulo*, como jornal mimetizador da imprensa brasileira, usa ao noticiar fatos sobre pessoas de sexualidade e gênero considerados abjetos e, por isso, excluídos socialmente. Queríamos, portanto, começar a perceber que manobras a imprensa dominante do Brasil produz na manipulação do grau de notoriedade e frequência sobre os sentidos acerca dessas pessoas. Assim, as conclusões de uma etapa de estudos como essa fornecerão subsídios para pensar de que forma a imprensa brasileira é parte de dispositivos de reprodução das exclusões da diferença humana ou de transformação dessa realidade.



Como contribuição, esperamos cumprir o objetivo a que nos propomos e, qual preconiza Wodak (2005), ter efetuado as seguintes ações:

1. Evidenciar o processo de encobrimento naturalizado da representação de pessoas de gênero e sexualidade periféricos na organização semiótica verbal de notícias de grande inserção pública, bem como avaliar suas causas e efeitos, explorando o impacto dessa representação na rede de representações da mídia. Nesse sentido, entendemos que nosso trabalho busca produzir um efeito denunciativo sobre as manobras de construção discursiva normalmente ofuscadas na percepção do público leitor.

2. Refletir sobre contextos de cultura que reconhecemos como próprios da rede de práticas que forma a lógica de questionamentos sobre direitos humanos, política pública, ética jornalística e movimento social, entre outros, os quais assumimos estarem completamente ligados às razões de se fazer Ciência no mundo contemporâneo. Por isso, compreendemos que nosso estudo está engajado a uma proposta epistemológica que aspira a estreitar o diálogo entre as preocupações da academia e os interesses de grupos minoritários.

3. Elucidar elementos e mecanismos não convencionais para a representação por meio da linguagem verbal e, por isso, dispor de informações, exemplos e relatos de análise sobre estratégias textuais que subsidiam a nossa compreensão acerca do que subjaz ao notório dos discursos. Isso pode munir de ferramentas perceptivas todos/as que consultarem os resultados da pesquisa, principalmente leitores/as que ocupam lugares sociais, possuem identidades e compõem grupos cujas representações são excluídas, discriminadas ou revestidas sempre de significado negativo na considerada grande imprensa. Sendo assim, entendemos que, servindo como elementos pedagógicos, nossos dados têm potencial capacidade de serem usados para a reflexividade e o empoderamento social.

Acreditamos também, por fim, que as implicações de nossa pesquisa tenham um forte tom no que faz pensar aspectos sociais de hoje, impregnados com desigualdades e violências contra pessoas cujas identidades de gênero e de sexualidade são consideradas disformes e, por isso, são alvo de tantas iniquidades e práticas de alijamento social. Portanto, espera-se que este trabalho desponte resultados que sejam relevantes para os estudos linguísticos e a Ciência em geral.



## Referências

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. *Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017*. Salvador: Antra, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2NTfPsh>. Acesso em: 23. jan. 2020.
- BENEDETTI, M. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. São Paulo: Garamond, 2005.
- BERUTTI, E. B. *Gays, lésbicas, transgêneros: o caminho do arco-íris na cultura norte-americana*. Rio de Janeiro: Garamond; Eduerj, 2010. (Coleção Sexualidade, Gênero e Sociedade).
- BORGES NETO, J. *Ensaio de filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola, 2004.
- COSTA, H. Discurso de abertura do IV Congresso da ABEH. In: COSTA, H.; INÁCIO, E.; GARCIA, W.; BENTO, B.; PERES, W. S. (org.). *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2010. p. 9-18.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- GREEN, J. N. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 271-295, 2000.
- HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, M. I. M. C. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2014.
- JESUS, J. G. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos – Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*. Brasília: [s. n.], 2012.
- LARA, G. M. P. Discurso, mídia e representação da língua. In: SILVA, D. H. G.; LEAL, M. C. D.; PACHECO, M. C. N. (org.). *Discurso em questão: representação, gênero, identidade, discriminação*. Goiânia: Câne Editorial, 2009. p. 27-38.
- MELO, I. F. *Ativismo LGBT na imprensa brasileira: análise crítica da representação de atores sociais na Folha de S.Paulo*. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- PEDRO, E. R. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: PEDRO, E. R. (org.). *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997. p. 19-46. (Coleção Universitária. Série Linguística).
- PELÚCIO, L. Gozos ilegítimos: tesão, erotismo e culpa na relação sexual entre clientes e travestis que se prostituem. In: FIGARI, C.; DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. (org.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 71-92.
- SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- VAN DIJK, T. A. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1996.
- VAN LEEUWEN, T. Representing social actors. In: VAN LEEUWEN, T. *Discourse and practice: new tools for Critical Discourse Analysis*. New York: Oxford University Press, 2008. p. 23-54.
- VENCATO, A. P. Negociando desejos e fantasias: corpo gênero, sexualidade e subjetividade em homens que praticam crossdressing. In: DÍAZ-BENÍTEZ, M. E.; FIGARI, C. E. (org.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 93-118.
- VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 11. ed. Tradução: Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.
- WODAK, R. What CDA is about – a summary of its history, important concepts and its developments. In: WODAK, R.; MEYER, M. (org.). *Methods of critical discourse analysis*. 2. ed. London: Sage, 2005. p. 1-33.



WONDER, C. Criando gênero, fazendo história. *In*: COSTA, H.; INÁCIO, E.; GARCIA, W.; BENTO, B.; PERES, W. S. (org.) *Retratos do Brasil homossexual*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2010. p. 283-292.

